

## capítulo um

# JUNTOS DE NOVO, CEDO DEMAIS

Hoje

Nova York

Teatro Graumann

Primeiro dia de ensaio

**Corro pela calçada movimentada** e um suor nervoso surge nos meus lugares menos glamorosos.

Escuto a voz da minha mãe na minha cabeça: “Uma dama não transpira, Cassie. Ela brilha”.

Nesse caso, mãe, estou brilhando como uma porca.

Enfim, nunca me considereei uma dama.

Digo a mim mesma que estou “brilhando” porque estou atrasada. Não por causa dele.

Tristan, meu colega de apartamento/conselheiro, está convencido de que nunca deixei de gostar dele, mas isso é besteira.

Deixei totalmente.

Deixei há muito tempo.

Atravesso a rua com pressa, desviando do trânsito frenético de Nova York. Vários motoristas de táxi me xingam em diversas línguas. Saio mostrando o dedo do meio alegremente, porque estou bem certa de que isso significa “vai se foder” no mundo todo.

Olho para o relógio quando entro no teatro e sigo para a sala de ensaios.

Droga.

Cinco minutos atrasada.

Quase posso ver o olhar de prazer na cara do canalha, e fico aterrorizada por estar com uma vontade avassaladora de dar uns tapas nele antes mesmo de colocar os pés na sala.

Paro do outro lado da porta.

Consigo fazer isso. Consigo vê-lo e não desmoronar.

Sei que consigo.

Suspiro e pressiono a testa contra a parede.

Quem diabos estou enganando?

Sim, claro, posso fazer uma peça romântica com o ex-namorado que partiu meu coração não uma, mas duas vezes. Sem problemas.

Bato a cabeça contra a parede.

Se houvesse um Reino de Gente Idiota, eu seria a rainha.

Respiro fundo e solto o ar lentamente.

Quando minha agente ligou com as novidades dessa grande chance na Broadway, eu devia ter imaginado que não seria tão simples assim. Ela vibrou comigo por causa do ator que também havia sido escolhido. Ethan Holt: o atual “It Boy” do mundo do teatro. Tão talentoso. Vencedor de prêmios. Adorado por fãs histéricas. Insuportavelmente lindo.

Claro que ela não sabia sobre nossa história. Por que saberia? Nunca falei sobre ele. Na verdade, eu me afastava quando outras pessoas mencionavam o nome dele. Era mais fácil de lidar quando ele estava do outro lado do mundo, mas agora ele está de volta e ameaçando o trabalho dos meus sonhos com sua presença.

Típico.

Canalha.

Jogar esse jogo não vai ser fácil, mas é preciso.

Tiro meu pé compacto e confiro meu reflexo.

Droga, estou brilhando mais do que o edifício Chrysler.

Passo mais pé e retoco o gloss enquanto me pergunto se ele vai achar que estou diferente depois de todos esses anos. Meu cabelo cas-

tanho, que na faculdade costumava chegar até o meio das costas, agora está na altura do pescoço, com camadas irregulares e desfiadas. Meu rosto está um pouco mais magro, mas acho que sou basicamente a mesma. Lábios decentes. Estrutura óssea razoável. Olhos que não são nem castanhos nem verdes, mas uma estranha combinação dos dois. Mais oliva que castanho.

Fecho o pó e o jogo de volta na bolsa, irritada de chegar a cogitar ficar bonita para ele. Será que não aprendi nada?

De olhos fechados, penso em todas as formas como ele me magoou. Suas razões idiotas. Suas desculpas esfarrapadas.

A amargura toma conta de mim, e suspiro, aliviada. É desse isolamento que preciso. Traz à tona minha raiva. Me envolvo com ela como ferro e me consolo com o fervor da agressividade.

Vou aguentar.

Abro a porta e entro. Antes mesmo de vê-lo, posso senti-lo me observando. Resisto em olhar para ele porque é o que quero, e uma coisa que aprendi com Ethan Holt é afastar meus instintos naturais. Seguir minha intuição estragou as coisas entre nós. O instinto dizia que eu podia ter algo dele, quando, na verdade, ele não me oferecia nada. Eu me direciono à mesa de produção onde nosso diretor, Marco Fiori, está tendo uma discussão com os produtores, Ava e Saul Weinstein. Ao lado deles, há um rosto familiar: a diretora de palco, irmã de Ethan, Elissa.

Ethan e Elissa são um pacote fechado. Está em seu contrato que ela cuida de todos os espetáculos em que ele trabalha; o que é estranho, considerando que eles brigam feito cão e gato.

Eu diria que Elissa é seu cobertor de segurança, mas, imagine!, por que ele precisaria de um? Ele não precisa de nada ou ninguém, certo? Ele é intocável. É uma porcaria de um Teflon.

Elissa aponta para um modelo em escala do cenário que vamos usar, enquanto fala da mecânica do palco.

Os produtores escutam e concordam.

Não tenho problemas com Elissa. Ela é uma diretora de palco fantástica, e trabalhamos juntas antes. Na verdade, há um milhão de anos costumávamos ser boas amigas. Na época em que eu ainda achava que

o irmão dela era nascido de uma mãe humana e não diretamente do cu de Satã.

Eles levantam o olhar quando eu me aproximo.

— Eu sei, eu sei. Sinto muito — digo, soltando minha sacola na cadeira.

— Tudo bem, minha cara — Marco responde. — Ainda estamos cuidando dos detalhes da produção. Relaxe, tome um café. Vamos começar daqui a pouco.

— Bacana. — Reviro a mochila atrás do material de ensaio.

— Ei, oi. — Elissa sorri calorosamente.

— Oi, Lissa.

Por um momento minha raiva é aplacada por uma onda de nostalgia, e percebo o quanto senti saudade dela. Ela é tão diferente do irmão. Ela baixa e ele alto. Curvilínea e anguloso. Até as cores são diferentes. Loira e lisa contra moreno e caótico. E, ainda assim, vê-la novamente me lembra de por que não nos falamos há anos. Sempre vou associá-la a ele. Muitas lembranças ruins.

Quando tiro a garrafinha d'água, minha bolsa escorrega do banco e cai com um estrondo no chão. Todo mundo para e olha. Ranjo os dentes quando escuto uma risadinha.

Vai se foder, Ethan. Não vou nem olhar para você.

Pego a bolsa e jogo de volta na cadeira.

A risadinha vem de novo e eu juro ao todo-poderoso Deus do Homicídio Justificado que vou matá-lo com as próprias mãos.

Apesar de estar do outro lado da sala, ele poderia estar bem ao meu lado, porque sua voz vibra pelos meus ossos.

Preciso de um cigarro.

Lanço um olhar para Marco, resplandecente em sua echarpe enquanto ele descreve a peça, espalhafatoso. É tudo culpa dele. Foi ele que quis Holt e a mim nesse projeto. Eu me convenci de que esse seria um grande passo para minha carreira, mas no fim será o último show que vou fazer, porque, se o idiota no canto não parar de rir, vou ter um ataque assassino a qualquer segundo e vou passar o resto da vida presa.

Felizmente, a risadinha para, mas ainda posso sentir seu olhar perfurando minha pele.

Eu o ignoro e reviro a bolsa. Encontrei o cigarro, mas meu isqueiro sumiu. Preciso seriamente esquecer esse otário. Jesus, existe alguma coisa que eu não tenha aqui? Chiclete, lencinhos, maquiagem, analgésicos, ingressos velhos de cinema, frasquinho de perfume, absorvente íntimo, chaves, um bonequinho em forma de panda da WWF de uma perna só... Que diabos?

— Com licença, srta. Taylor?

Eu levanto para ver um garoto negro bonitinho estendendo o que se parece demais com meu *macchiato* favorito.

— Uau, você parece estressada — ele comenta com a quantidade certa de preocupação para evitar que eu arranque suas orelhas com meus dentes. — Sou Cody. O estagiário da produção. Café?

— Oi, Cody. — Olho o copo de papelão. — O que tem aí, campeão?

— Um *macchiato* duplo com creme extra.

Balanço a cabeça em sinal positivo, impressionada.

— Foi o que imaginei. É meu favorito.

— Eu sei. Procuo me familiarizar com o que você e o sr. Holt gostam e não gostam, para poder antecipar suas necessidades e proporcionar um ambiente agradável de ensaio.

Um ambiente agradável de ensaio? Comigo e Holt? Ah, pobre criança iludida. Pego o café dele e sinto o aroma enquanto continuo escavando os Recônditos de Merda.

— Isso é sério?

Que porra aconteceu com meu isqueiro?

— Sim, senhorita. — Ele tira um isqueiro do bolso e passa para mim com um lindo sorrisinho de louco.

Jogo a cabeça para trás com um suspiro.

Jesus, o garoto foi enviado pelo próprio Deus.

Eu pego o isqueiro e resisto à vontade de abraçá-lo. Tristan diz que sou um pouco grudenta demais. Na verdade, o termo dele é pegajosa, mas modifiquei para eu me sentir um pouco melhor.

Em vez de abraçá-lo sorrio para o moleque.

— Cody, espero que você não entenda errado, porque sei que acabamos de nos conhecer, mas... acho que estou apaixonada por você.

Ele ri e abaixa a cabeça.

— Se quiser dar uma saidinha, eu vou te buscar quando eles estiverem prontos para começar.

Se ele não parecesse ter dezesseis anos, provavelmente lhe daria um beijo. De língua.

— Você arrasa, Cody.

Vejo uma forma escura na minha visão periférica, esparramando-se numa cadeira do lado oposto da sala, então ajeito os ombros e me empino como se não desse a mínima.

O calor do seu olhar me segue até eu chegar à escadaria, aí esmoreço.

Digo a mim mesma que não sinto falta desse calor.

A escadaria é íngreme e mal iluminada, e leva a um beco atrás do teatro. Antes mesmo de a porta se fechar atrás de mim, acendo um cigarro. Eu me recosto nos tijolos frios, inspiro e levanto o olhar para a linha fina de céu entre os prédios. A nicotina faz pouco para acalmar meus nervos. Tenho certeza de que nada menos do que sedativos cirúrgicos vai me ajudar hoje.

Termino o cigarro e me encaminho de volta para a entrada do palco, mas, antes de poder segurar a maçaneta, a porta se abre, e o gatilho de todas as minhas raivas é apertado. O jeans escuro modela seu corpo de uma forma que eu realmente não devia sequer notar.

Os olhos são como os que eu lembrava. Azul-pálidos, hipnotizantes. Cílios escuros espessos. Ardentemente intensos.

Mas o resto...

Ai, Deus, esqueci.

Eu me forcei a esquecer.

Até hoje ele é o cara mais bonito que já vi. Não, bonito não é suficiente. Atores de novela são bonitos, mas de uma forma completamente previsível, sem graça. Holt é... cativante. Como uma rara pantera exótica. Beleza e poder em partes iguais. Enigmático sem nem mesmo tentar.

Odeio como ele é bonito.

Sobrancelhas arqueadas e marcantes. Queixo definido. Lábios carnudos na medida certa para serem lindos, que no contexto de seus outros traços parecem poderosamente masculinos.

Seu cabelo escuro está mais curto do que na última vez que o vi, e o faz parecer mais maduro. E mais alto, se é que é possível.

Sempre fui muito menor que ele. Um e sessenta e sete meu contra um e noventa e dois dele. E pela largura dos ombros, ele está malhando desde a faculdade. Não em excesso, mas o suficiente para o desenho dos músculos saltar sob a camiseta escura.

O sangue sobe para minhas bochechas e quero me dar um tapa por essa reação.

Confie nele para parecer mais atraente do que nunca. Idiota.

— Oi. — Ele me cumprimenta como se eu não tivesse passado os últimos três anos sonhando em socar a linda cara de canalha dele.

— Olá, Ethan.

Ele me encara, e, como de costume, sinto o calor dele no fundo dos meus ossos.

— Você está bonita, Cassie.

— Você também.

— Seu cabelo está mais curto.

— O seu também.

Ele dá um passo à frente. Odeio a forma como olha para mim. Elogiando e aprovando. Faminto. Essa atitude me atrai contra minha própria vontade, como se ele fosse um papel pega-mosca. E tudo dentro de mim está zumbindo e tentando se soltar.

— Faz muito tempo.

— Sério? Nem notei. — Estou tentando soar entediada por fora. Não quero que saiba o que está fazendo comigo. Ele não merece essa reação. Mais importante: eu também não.

— Como você está? — ele pergunta.

— Estou bem. — Resposta automática. Não significa nada. Tenho estado tudo, menos bem. Seu olhar permanece em mim, e eu realmente sinto vontade de estar em outro lugar. Porque agora ele parece com o que costumava parecer, e dói lembrar.

— E você? — pergunto com uma polidez exagerada. — Como está?

— Estou... bem. — Há algo em seu tom de voz. Algo enterrado. Ele deixou uma pontinha de fora para atrair minha curiosidade, mas não quero escavar isso para descobrir mais porque sei que é o que ele quer.

— Uau, que ótimo, Ethan — respondo, controlando a animação para apenas irritá-lo. — Bom saber.

Ele olha para o chão e passa a mão pelo cabelo. Sua postura fica tensa com a forma familiar do babaca que conheço tão bem.

— É isso, então. Três anos e é tudo o que você tem a me dizer. É claro. Meu estômago revira.

Não, seu merda, não é tudo o que tenho a dizer, mas qual é a questão? Tudo já foi dito, e fazer rodeios não é minha ideia de diversão.

— É, é isso — confirmo com a voz leve e passo por ele. Abro a porta e desço as escadas batendo os pés, ignorando a comichão na pele, onde nos tocamos. Há um “porra” abafado antes de eu escutá-lo correr atrás de mim. Tento ser mais rápida, mas ele pega meu braço antes de chegarmos lá embaixo.

— Cassie, espere.

Ele me puxa e acabo me virando para encará-lo, e espero que ele pressione o corpo contra mim. Para me destruir com sua pele e cheiro como fez tantas vezes antes.

Mas ele não se move.

Apenas fica ali parado, e todo o ar da estreita escadaria fica espesso como algodão. Sinto claustrofobia, mas não vou demonstrar.

Sem fraquezas.

Ele me ensinou isso.

— Escute, Cassie. — Odeio sentir tanta saudade de ouvi-lo dizendo meu nome. — Você acha que a gente consegue colocar toda aquela merda para trás e começar de novo? Eu realmente quero voltar. E achei que você iria querer também.

A expressão dele é cheia de sinceridade, mas já vi isso antes. Toda vez que confiei nele, terminei com o coração destrocado.

— Quer começar de novo? Ah, claro. Sem problema. Por que não pensei nisso?

— Não precisa ser assim.

A questão é que não estou sendo sensata. Se eu não estivesse com tanta raiva, eu riria.

— Então, como seria isso, hein? — As palavras saem como ácido.  
— Por favor, Holt, me diga. Afinal, era você quem tomava as decisões sobre nosso relacionamento. Como quer brincar desta vez? Amiguinhos? Parceiros de sexo? Inimigos? Ah, espera, já sei! Por que você não banca o merda que partiu meu coração e eu faço a mulher que não quer mais nada com você fora dessa sala de ensaios? Que tal?

Seu queixo trava.

Está bravo. Bom.

Disso eu entendo.

Ele esfrega os olhos e expira. Espero que ele grite, mas ele não grita.

— Nada do que eu disse nos meus e-mails significou alguma coisa para você, né? Achei que podíamos ao menos ser capazes de conversar sobre o que aconteceu. Você ao menos leu? — Seu tom de voz é baixo.

— Eu li. Só não acreditei. Tudo tem limite. Quer dizer, eu tenho um limite para a quantidade de vezes que posso engolir suas baboseiras sem vomitar. Como é a frase? Me engane uma vez, a vergonha é sua. Me engane duas...

— Não estou enganando você desta vez. Nem a mim. No passado, fiz o que precisava ser feito, por nós dois.

— Está brincando comigo? Você precisa mesmo que eu lembre a você o que você fez comigo? Isso foi minha culpa?

— Não. — Sua voz está repleta de frustração. — Claro que não. Eu só queria...

— Quer que eu dê outra chance para você acabar comigo? Quanto idiota você acha que eu sou?

Ele balança a cabeça.

— Quero que as coisas sejam diferentes. Se quer que eu me desculpe, eu me desculpo até perder a porra da voz. Só quero que as coisas fiquem bem entre nós. Fale comigo. Me ajude a consertar isso.

— Não dá.

— Cassie...

— Não, Ethan! Desta vez, não. Nunca mais.

Ele se inclina para a frente. Está muito próximo. Próximo demais. Tem o cheiro que costumava ter, e eu não consigo raciocinar. Quero empurrá-lo para longe para eu poder esfriar a cabeça. Ou bater nele até que ele entenda que não sou realmente feliz há anos, e é tudo culpa dele. Quero fazer tantas coisas, mas tudo o que faço é ficar parada ali, odiando o quanto ele ainda suga minhas forças.

Sua respiração está tão ofegante quanto a minha. Seu corpo, tão tenso quanto. Mesmo depois de tudo o que passamos, a atração que sentimos um pelo outro ainda nos tortura. Como nos velhos tempos.

Graças a Deus a porta no fim das escadas se abre e avisto Cody nos encarando com uma expressão confusa.

— Sr. Holt? Srta. Taylor? Está tudo certo? — Holt se afasta de mim e passa os dedos no cabelo.

Minha respiração está entrecortada, superficial.

— Está tudo bem, Cody. Tudo bem.

— Tudo bem, então. — Ele se anima. — Só para dizer que estamos prestes a começar.

Ele desaparece e de novo somos apenas nós. Nós e o monte de merda que podemos carregar.

— Estamos aqui para um trabalho — começo, com a voz firme. — Vamos apenas trabalhar.

A sobrançelha dele se franze e a sua mandíbula enrijece, e por um segundo penso que ele não vai deixar por menos, mas ele diz:

— Se é o que você quer.

Eu afasto uma vaga sensação de decepção.

— É, sim.

Ele assente e, sem dizer outra palavra, desce as escadas e entra pela porta. Levo um momento para me recompor. Meu rosto está quente, o coração, acelerado; eu quase rio quando penso como já estou envolvida por ele, e nem começamos ainda os ensaios. As próximas quatro semanas vão me sugar mais energia que um buraco negro.

Eu me indireito e sigo para a sala de ensaios.

Quando chego para pegar o roteiro e água, há apenas uma cadeira sobrando na mesa de produção, e naturalmente é ao lado de Holt. Eu a puxo para o mais longe dele que posso e me afundo no plástico desconfortável.

— Está tudo bem? — Marco pergunta e levanta a sobrancelha.

— Sim. Ótimo — respondo com um sorriso, e é como se eu estivesse de volta ao primeiro ano da escola de teatro, dizendo o que os outros querem ouvir para que fiquem felizes mesmo quando eu não estou. Interpretando o papel.

— Então vamos começar, né? — Marco anuncia, e há outro farfar de papel quando todos abrem os roteiros.

Que grande ideia. Todas as boas histórias precisam começar em algum ponto.

Por que esta deveria ser diferente?